

GREGG HURWITZ

Autor do best-seller internacional *Você é o próximo*

"Um dos melhores thrillers do ano!"

LIBRARY JOURNAL e KIRKUS REVIEW

O SOBREVIVENTE

A INTENÇÃO DELE ERA BOA,
MAS ACABOU COLOCANDO EM RISCO TODOS OS QUE AMAVA





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Lisa Erbach Vance. Não tem pra mais ninguém.

À BEIRA DO ABISMO

O medo se revelou fundamental. Sem ele, eu teria morrido de pavor.

– Floyd Patterson

1

DAQUELA ALTURA, OS CARROS pareciam dominós, e os pedestres, pontinhos a perambular. Um vento frio soprava incessantemente, refrescando os pulmões de Nate cada vez que ele inalava – ali, tão perto do mar, já não havia sinal da tão alardeada poluição de Los Angeles. A oeste, o trânsito se dissipava nas falésias de Santa Monica, paredões que terminavam abruptamente na areia branca das praias e na eternidade do oceano. Fossem outras as circunstâncias, Nate teria apreciado a beleza da paisagem.

No entanto, estava ali para se matar.

Apenas 5 centímetros separavam a ponta de seus tênis da borda do beiral em que se achava, no 11º andar. Equilibrar-se não era nada fácil, mas chegar ali havia sido a parte mais difícil. Havia se espremido pela velha janela de guilhotina do banheiro do First Union Bank of Southern California, permanecendo agachado no parapeito por um minuto inteiro antes de arriscar a se levantar.

Na calçada lá embaixo, as pessoas seguiam seus respectivos destinos, sem erguer os olhos para a claridade do final da manhã. Assim que Nate conseguiu se recostar na fachada do prédio, seus sentidos entraram numa ebulição repentina, o coração retumbando contra as costelas, as costas se encharcando de suor, as narinas queimando com a maresia. Tudo muito parecido com pânico, porém mais calmo, como se o cérebro já tivesse se resignado às circunstâncias, mas o corpo ainda não tivesse recebido os sinais.

Nate não queira correr o risco de se esborrachar sobre alguém – com a sorte que tinha, o mais provável era que caísse na cabeça de uma vovozinha qualquer indo sacar sua aposentadoria –, então prosseguiu se esgueirando pelo beiral até dobrar a quina do prédio, manobra que se revelara bem menos trabalhosa do que havia imaginado. Agora já via, no beco lá embaixo, a caçamba de lixo que ele havia previamente escolhido como alvo. Tratava-se de um plano, no mínimo, civilizado. Caso conseguisse aterrissar na caçamba, os respingos de sangue ficariam restritos ao aço das bordas, e o corpo, devidamente embalado para ser entregue no crematório. Nate achava que já tinha dado trabalho demais a gente demais na vida.

Fazia menos de dez minutos que havia aberto a tampa da tal caçamba, mas parecia que dias inteiros tinham se passado. A silenciosa viagem de elevador até o 11º andar, o burocrático aceno para o segurança do banco (um senhor negro já um tanto enrugado), os derradeiros minutos durante os quais tentara se acalmar diante da fileira de mictórios para depois desemperrar a janela... cada um desses momentos parecia ter consumido uma eternidade.

O First Union era um dos poucos bancos da Costa Oeste que não ficavam ao nível da rua – além de mais baratos, imóveis mais altos são mais espaçosos e mais seguros. Naquele momento, no entanto, entre as vantagens que a altura oferecia, apenas uma interessava a Nate. Avaliando sua posição, ele deu mais meio passo para a direita, parando a poucos centímetros de uma janela de folha basculante, meio aberta. Da fresta escapava um cheirinho de café e o zunzum dos caixas e clientes do banco. Um dia como outro qualquer.

Nate pensou na minguante conta bancária que ele próprio tinha ali. Seu próximo passo – literalmente – tornaria inútil a apólice de seguro de vida que ele tinha no valor de um milhão de dólares e em favor da qual emitia um cheque religiosamente todo mês de janeiro. Mas nem isso tinha importância. Não havia ninguém que quisesse algo dele, tampouco qualquer perspectiva que não fosse mais tristeza.

Respirou fundo – pela última vez? – e fechou os olhos. Estendendo os braços, deixou que o vento de outubro invadisse o algodão fino da camiseta e secasse o suor que lhe escorria pelas costelas. Achou que veria a vida passar diante dos olhos num filme, como reza a lenda, mas não viu nada. Não viu, por exemplo, os lábios de Janie entreabrindo-se para vir ao encontro dos seus no casamento deles. Tampouco viu Cielle fantasiada de abóbora na festa de Halloween, com as mãozinhas imundas de chocolate e as coxas cheias de dobrinhas. Nada. Apenas as garras do vento e os milhares de alfinetes do medo, fincando-o como se ele fosse uma daquelas almofadas dos kits de costura. A maior das viagens, segundo o taoísmo e os filósofos de botequim, começa com um reles passo.

A menor também.

Nate ergueu um dos pés sobre o abismo à sua frente.

Foi então que ouviu os tiros.

2

ELE CHEGOU A PERDER o prumo, quase irremediavelmente, mas um sutil movimento dos quadris o trouxe de volta para o beiral. Ainda tentava recuperar o fôlego quando ouviu mais um tiro e viu a janela a seu lado se tingir de vermelho.

Conhecia muito bem o estalo de uma pistola de 9mm, mas o disparo seguinte, bem mais ruidoso, sugeria que também havia uma semiautomática em jogo.

Uma voz estridente escapou pela fresta da janela:

– Para trás, todo mundo. Não quero ninguém perto das mesas. *Para trás*, já falei! Vocês já viram o que pode acontecer. Agora, *todo mundo no chão!* De bruços, porra!

Agarrando-se à estrutura da janela, Nate virou a cabeça sobre o ombro para espiar o que se passava dentro do banco. Apesar da vidraça ensanguentada, pôde ver que os assaltantes vestiam máscaras de esquí. Um deles se achava a poucos metros do balcão dos caixas, de costas para a janela; empunhando um fuzil automático com uma das mãos e uma Beretta com a outra, ele esquadrihava metodicamente o espaço a seu redor. Assim como os comparsas, vestia um macacão militar preto, luvas também pretas e botas de solado grosso. Os punhos e os tornozelos do macacão se fechavam com tiras de fita isolante para que nem um mísero centímetro de pele ficasse à mostra. A saraivada de tiros havia crivado o teto de furos e uma poeira branca ainda pairava em torno do mascarado feito uma aura, dando à cena um aspecto sobrenatural.

Os funcionários do banco estavam deitados aos pés dele com as mãos cruzadas na nuca e a testa contra o piso de cerâmica, respirando com dificuldade, ruidosamente. No saguão principal, cerca de quinze clientes também estavam de bruços no chão. O carrinho do café havia tombado para o lado, espalhando xícaras e pires sobre as poças escuras. Dois assaltantes patrulhavam a área em circuito, atropelando corpos, apontando suas armas ora para este alvo, ora para aquele.

Próximo à entrada, o segurança negro jazia morto no chão, enroscado num banner que anunciava os serviços de Internet banking do First Union, o verde-dólar do vinil respingado de sangue. As pernas de suas

calças estavam repuxadas para cima, deixando à mostra um inusitado par de meias listradas.

Enquanto a maioria dos assaltantes andava a esmo e berrava ordens, o que se achava junto da janela movia-se com um propósito e uma calma que sugeriam maior competência ou experiência no ramo. Não gritava. Permanecia mudo e impassível. Em vista de tamanha segurança, e do fato de que era ele quem empunhava a maior arma, Nate deduziu que se tratava do chefe do bando. E estava tão próximo que bastaria a Nate passar o braço pela fresta da janela para cutucar seu ombro.

À direita, dois homens armados (com estes, os assaltantes agora somavam *cinco*) arrastavam rumo ao cofre uma mulher de meia-idade e traços hispânicos que lutava, aparentemente sem sucesso, para encontrar as chaves que procurava em dois molhos embolados. A gerente do banco. Vestindo um terninho elegante com colar e brinco de pérolas, fazia um esforço visível para manter a firmeza das pernas. A porta de aço do cofre, mais grossa que uma parede de tijolos, estava aberta, e apenas uma porta de vidro protegia as gavetas empilhadas dos cofres de aluguel. Quando enfim a mulher conseguiu encaixar o par de chaves nas respectivas fechaduras e abrir a porta de vidro, um sexto mascarado emergiu de um corredor nos fundos, colocou no chão a sacola de náilon preta que trazia sobre o ombro e informou:

– As câmeras já foram desligadas.

Da sacola, retirou uma serra elétrica de aspecto feroz. Os dentes da lâmina circular rebrilhavam sob as luzes.

Os soluços roucos de uma mulher ecoavam nas paredes de falso mármore, assim como as súplicas entrecortadas de um desesperado:

– ... pelo amor de Deus, não... acabei de ficar noivo...

Nate tentou umedecer a garganta, mas não encontrou saliva suficiente. Esquecendo-se de onde estava, deu um pequeno passo para trás. Por entre as pernas, viu os onze andares que o separavam da calçada e deixou-se levar pela vertigem. Perdeu o apoio de um dos pés, o peso de seu corpo impelindo-o para fora, e seu estômago subiu à boca, abafando um grito. Sua mão deslizou alguns centímetros pela janela antes que conseguisse se agarrar a ela. Firmando-se de novo, ele agora ofegava freneticamente, abalado pelo susto.

Os assaltantes ainda gritavam no interior do banco, alheios à agitação no beiral do prédio.

– ... se alguém se mexer ou der um pio... eu falei *um pio*...

– Três e Cinco, andem logo com essas dobradiças. Quatro, é melhor que essa vagabunda abra logo a porra desse...

Todos cuspiendo ordens nervosas, menos o chefe do bando, que permanecia mudo, projetando uma tranquila ameaça.

Agarrado à estrutura da janela, Nate acabara ficando com o rosto junto à fresta. Deparou-se com uma bancária jogada no chão, rente à janela, olhando de volta para ele. Espantou-se por não tê-la visto antes. Uma mancha de sangue ia crescendo sobre a blusa branca que ela usava. Espasmos da boca iam formando uma bolha de saliva entre os lábios. A mulher encarava Nate com uma expressão de perplexidade, como se ainda não entendesse muito bem o que a derrubara, tampouco como um anjo de barba por fazer havia surgido naquela janela tão alta.

Um dos braços estava jogado para trás, sobre a cabeça, a mão pálida tremendo em pequenos espasmos laterais. Ela agora fitava Nate com um olhar de súplica. Percebendo que ela respirava com dificuldade, e procurando se acalmar, ele passou o braço pela fresta da janela e tomou a mão da mulher. Era gelada e muito lisa, como se esculpida em mármore. Um ruído borbulhante escapou de sua boca e a bolha de saliva estourou, deixando para trás um borrão de batom.

O líder do bando consultou um cronômetro e, pela primeira vez, falou. Um sotaque discreto, serenidade absoluta:

– Eu gostaria de ouvir essa serra, Três.

Imediatamente a ferramenta começou a guinchar no cofre, soltando centelhas de fogo. Um dos homens imobilizava a gerente contra a porta de aço do cofre, agarrando-a pelos cabelos. Ela protegia os olhos com as mãos fechadas em punho; parecia gritar ou dizer algo, mas nada se ouvia em meio à barulheira da serra. A certa altura, o homem socou seu rosto contra o aço da porta, abrindo um rasgo na testa. Trêmula, com os punhos nas faces, ela ainda abria a boca como se quisesse dizer algo.

De onde estava, Nate podia acompanhar apenas parte daquele filme de terror – um braço torcido, sapatos de salto abandonados, mechas de cabelo presas pela mão de luva preta. Horrorizado, só foi se lembrar de que estava semipendurado a uma janela quando sentiu a axila sofrer com os trilhos do parapeito. A mulher apertou a mão gelada na sua, e ele baixou os olhos. Ela agora tinha uma expressão vaga, parecia estar olhando não para ele, mas através dele, e a certa altura seus belos olhos verdes tomaram um aspecto vítreo.

A serra enfim fez uma pausa, e só então se ouviram os berros da gerente. Nate ergueu os olhos na direção do cofre. Desvencilhando-se da mão morta que ainda segurava a sua, recolheu o braço e precisou agita-lo no ar para afugentar a dormência.

Vendo que a gerente não pretendia se calar, o homem que a imobilizava lançou um olhar interrogativo na direção do chefe, que, incisivo e sereno ao mesmo tempo, disse:

– Ela está próxima ao alarme de pânico. Apague a vadia.

– Poxa, Seis, quantas pessoas a gente vai ter de matar?

“O chefe do bando”, pensou Nate. “É o Número Seis.”

As botas do chefe foram percutindo o piso enquanto ele avançava na direção da mulher, as costas do macacão cobertas de poeira de gesso. A meio caminho ele ergueu o braço e disparou o fuzil semiautomático, que cuspiu fogo enquanto crivava uma fileira de balas no terninho engomado da gerente. O estrondo e o horror de tudo aquilo por pouco não derrubaram Nate do beiral. A mulher permaneceu grotescamente de pé, escorada contra a porta aberta do cofre, até que Seis a empurrou com dois dedos, fazendo com que desabasse no chão, braços estendidos, anéis batendo contra a cerâmica do piso. Um dos brincos de pérola se soltou e foi rolando até sumir sob uma mesinha.

Várias pessoas berravam no salão principal, e uma criança começou a chorar, uivando uma única nota em vibrato. Um senhor de meia-idade tentava em vão represar o próprio choro, um animal ferido e esparramado no chão.

– Um morto ou vinte... a sentença é a mesma – disse o chefe com a mais absoluta placidez. Varrendo com a mão a poeira dos ombros, acrescentou:

– Deixe que eu cuido dos cofres. Vá limpar as gavetas dos caixas. – Entregou seu fuzil ao comparsa e entrou no cubículo onde ficavam os cofres de aluguel, apontando e dizendo: – Primeiro aqui, depois ali.

Obediente, o grandalhão foi logo saindo para os caixas. Nate rapidamente recuou para não ser visto e, ouvindo os passos cada vez mais próximos, enterrou o rosto no próprio braço. Sentia a camisa gelada roçando as costas, a barra tremulando ao vento. De repente, se deu conta de que estava mordendo o próprio bíceps para não gritar.

O homem passou pela janela, chutando o corpo inerte da bancária morta. Colocou sua Beretta sobre um pequeno armário de arquivo, pen-

durou o fuzil no ombro e começou a esvaziar o conteúdo das gavetas num saco de lixo preto.

Um grito ecoou no salão, ressoando até mesmo do outro lado da janela. Nate arriscou mais uma espiadela através da fresta, mas dessa vez manteve o rosto bem rente ao concreto da fachada, olhando praticamente com apenas um dos olhos. Deitada de bruços, uma mulher parecia se remexer sobre um volume qualquer enquanto, do outro lado do salão, dois dos mascarados caminhavam na direção dela. Nate se perguntou que diabo ela poderia estar fazendo, até que viu uma menina de maria-chiquinha, não mais que 4 anos, emergir sob a barriga da mãe e irromper rumo à saída do banco. Duas pistolas seguiram os movimentos dela. A mãe gritou novamente, ficando de joelhos a tempo de alcançar o bracinho da filha. O mascarado mais próximo chutou-a no rosto, fazendo sangrar os lábios dela, e a mulher se esborrachou no chão, levando consigo a menina, que saiu deslizando pelo piso escorregadio, a orelhinha suja com o sangue da mãe. Em seguida, a pobrezinha topou com uma coluna, os pezinhos ainda tentando encontrar algum atrito, e só então se deu conta de que não tinha para onde ir. Tremendo compulsivamente, abraçou as próprias pernas, enterrou a cabeça entre os joelhos e ficou ali, parada, como se alguém a tivesse desligado da tomada.

O outro mascarado – Número Dois? – se aproximou e baixou os olhos para ela, dizendo:

– Volte para junto dos outros. Ande, depressa.

A menina permaneceu imóvel, e o homem apontou a pistola para ela.

Vendo isso, Nate sentiu reacender no peito os instintos paternos desde muito adormecidos. Avançou um pouco mais através da fresta, abrindo a janela com a pressão do cotovelo. A apenas alguns metros, o mascarado grandalhão acompanhava os acontecimentos do salão até que murmurou algo para si mesmo e voltou ao trabalho, esvaziando a gaveta do caixa seguinte, os movimentos de seus ombros visíveis sob o macacão militar.

Número Dois firmava ambas as mãos na Beretta apontada para a menina.

– Vai me obedecer ou não vai, sua pirralha?

O escarcéu metálico da serra recomeçou no cofre, e o mascarado aparentemente berrou algo para a menina sob o tecido preto que lhe cobria a boca, um ultimato.

“Um morto ou vinte... a sentença é a mesma.”

Nate fitou os belos olhos verdes e mortos que pareciam encará-lo de volta. Em seguida, viu o brinco de pérola que jazia perdido sobre o piso ensanguentado. Por fim, olhou para a Beretta que o grandalhão havia deixado sobre o armário de arquivo; o homem estava de costas para ele a mais ou menos dois passos de distância.

Ele foi se espremendo através da fresta, alargando-a pouco a pouco até que conseguiu passar o tronco e caiu de cabeça do outro lado, sobre o cadáver da bancária. O corpo amorteceu a queda, e a barulheira da serra circular abafou todo e qualquer ruído. Três dos bandidos estavam no interior do cofre. O grandalhão estava a poucos metros de distância, ainda de costas, vasculhando o conteúdo de uma gaveta. No salão, os outros insistiam com a menina, ameaçando-a com suas armas, empurrando-a com as botas.

Tão logo ficou de pé, Nate sentiu seus joelhos de 36 anos reclamarem. Nem sequer se lembrava da apatia com que havia atravessado os últimos meses, e pela primeira vez após o que parecia uma eternidade, viu-se agindo sem qualquer hesitação. Com propósito, até.

Reergueu-se e pegou a Beretta deixada sobre o armário de arquivo.

3

NATE MIROU A PISTOLA na nuca do grandalhão e disparou. Teve a impressão de que o gatilho se movera em dois tempos separados por uma fração de segundo, e, em algum momento entre o coice da arma e o jato de sangue que viu jorrar contra o vidro do balcão, deu-se conta de que o disparo havia sido de ação dupla. Como se tratava de uma Beretta semiautomática, dali em diante os disparos seriam de ação simples.

Amplificado pelo interior do cofre, o barulho da serra elétrica abafou o tiro. O grandalhão caiu de joelhos no chão, estremecendo os ombros antes de desabar por completo e abrir espaço para que Nate visse os dois mascarados que vigiavam o salão principal.

E para que eles também o vissem.

Ambos se viraram perplexos na direção dele, um mero átimo de hesitação que, para Nate, parecia se espichar numa aflitiva câmera lenta. Ambos inclinaram a cabeça ligeiramente, como cães de guarda antes de partirem

para o ataque. Vendo isso, Nate sentiu um frio na espinha. Só então entendeu a estranheza daqueles rostos: não tinham olhos. Uma telinha havia sido costurada sobre os buracos da máscara para que nenhum centímetro de pele ficasse à mostra, o que conferia aos homens um perturbador aspecto de inseto, a cabeça perfeitamente lisa.

Com certa tranquilidade, Nate viu quando eles ergueram as mãos enluvadas para atirar e sentiu na face a esteira de calor deixada pela primeira bala que passou raspando a seu lado. Percebeu então que não estava nem um pouco amedrontado. Indiferente àquilo tudo, sentiu um peso cair dos ombros e abriu um pequeno sorriso, vendo-se livre das algemas imaginárias que o atavam. Agora era ele quem erguia o braço para disparar. Com uma calma impressionante, lembrou-se de que precisava manter o pulso firme e não se antecipar ao coice. Não era exatamente um atirador de elite, mas era bom o suficiente. Outras balas zuniram a seu redor. Mirando através do vidro do balcão de caixas, atirou contra o primeiro dos mascarados no salão: metade da cabeça se reduziu a uma nuvem de poeira ensanguentada, e o homem foi ao chão. O companheiro dele estava atirando, o cano de sua Beretta cuspiendo fogo, mas ainda inaudível em razão da serra escandalosa. Nate também atirava, crivando de balas a parede de gesso no fundo do salão, os cartuchos ricocheteando por toda parte. Em seguida, atravessou a portinhola que separava o balcão dos caixas do restante do salão e foi caminhando na direção de seu algoz, na direção de sua morte, os sentidos aguçados pela sensação de liberdade, ou mais que isso, pela sensação de *libertação*.

A máscara de Número Dois se espichava na altura da boca, porque ele estava gritando, e os braços estavam trêmulos. Nate viu quando ele ergueu novamente sua arma, o calibre do cano lembrando um olho muito negro a encará-lo. Nate o encarou de volta, a cabeça repetindo uma súplica suicida: “Firma essa mão aí, rapaz. Anda, atira logo.”

Mas o cano continuou tremendo com a mão do atirador, e mais uma vez as balas passaram ao largo de Nate, que mentalmente repetia a ameaça rosnada havia pouco pelo próprio mascarado: “Vai me obedecer ou não vai, sua pirralha?” Quanto maior a raiva, maior ficava sua concentração ao atirar. Sentiu a Beretta coicear diversas vezes na mão até que viu o macacão militar do mascarado estremecer na altura do peito, e o homem desabou no chão.

Naquela altura, a serra elétrica já havia parado, desnudando a troca de tiros no salão, e Nate rapidamente se virou na direção do cofre. Um homem emergiu do interior com a serra circular na mão, o capuz erguido na cabeça e uma leve expressão de surpresa estampada no rosto. Com um disparo, Nate lhe arrancou uma das orelhas, fazendo jorrar um jato de sangue escuro. O homem jogou a cabeça para trás e Nate alojou uma segunda bala entre as sobrancelhas que ele ainda arqueava.

“Não acredito”, pensou ele. “Isto é o melhor que esses idiotas conseguem fazer?”

Ao fim de tantos disparos e coices, os dedos de Nate exibiam o mesmo relevo xadrez da empunhadura da arma. O cheiro de cordite que empestava o ambiente levava-o de volta a um passado de quase dez anos, para um tempo de areias escaldantes e sangue nos olhos.

Precisou fazer um esforço para retornar ao presente. Quatro mascarados já estavam fora de circulação. Ainda faltavam dois.

Voltando para a proteção do balcão dos caixas, Nate avistou o fuzil automático que jazia ao lado do mascarado morto. Considerou um upgrade, mas viu que não teria tempo para desvencilhar a alça que prendia a arma ao cadáver. Então saiu caminhando rapidamente na direção da porta do cofre, atropelando os bancários e os clientes que se esparramavam trêmulos no chão.

– Desculpe aí. Desculpe. Foi mal.

Escutou de volta não mais do que resmungos e soluços. Os uivos de uma sirene se faziam ouvir, tão discretos que podiam ser imaginários.

Uma pistola surgiu do outro lado da porta do cofre, disparando às cegas. Nate mirou nela e seguiu adiante com passos firmes e ligeiros, não por ser um homem especialmente corajoso, um herói, nada disso, mas porque não tinha nada a perder. Disparou uma vez e a bala ricocheteou contra o aço da porta. Reajustando-se, disparou mais duas vezes num turbilhão de memória muscular, reação e instinto. Dessa vez, acertou a pistola do outro, cuja mão se abriu de um modo engraçado, como se estivesse acenando, e sumiu intacta dentro do cofre.

Mais cinco passos bastaram para que Nate alcançasse a tal porta, que ele atravessou sem hesitação. Um homem sentava-se num canto distante, apontando sua arma na direção da entrada, os cotovelos unidos sobre os joelhos que ele usava de apoio. Disparou um tiro claramente dirigido para a cabeça de Nate, mas a bala passou raspando no pescoço dele e saiu ri-

cocheteando em torno do cofre, mais vezes do que parecia possível. Nate reergueu sua arma. Próximo demais do alvo, nem sequer se deu ao trabalho de usar a mira antes de disparar as duas balas que se alojaram nas entranhas do mascarado que havia atirado. Estava nisso quando pressentiu alguém às suas costas. Desviou-se, mas alguma coisa lhe perfurou o trapézio, algo metálico que agora roçava seu pescoço e fazia arder aquela parte das costas como se alguém lhe tivesse ateado fogo. Virou-se e atirou, mas o cão da pistola estalou em seco, talvez marcando um recorde em sua vida: até então nunca havia consumido um pente de quinze balas em tão pouco tempo.

A lâmina espetada no ombro fazia latejar o braço inteiro, como se uma artéria estivesse enrolada em arame farpado. A ponta do mindinho lhe parecia muito quente. Virando o rosto ligeiramente, Nate viu um abridor de cartas espetado nele, o cabo lembrando a pena de um cacique indígena.

– *Ai!* – exclamou ele, e ergueu o rosto para seu agressor.

O homem ainda estava de máscara, a telinha dos olhos cintilando sob as luzes fluorescentes do cofre. Apesar disso, Nate o reconheceu pelo porte.

Número Seis.

De perto, o chefe do bando era relativamente magro, de ombros largos e quadris finos, um corpo talhado para o máximo de eficiência. Mais baixo que seus comparsas, não passava de 1,75 metro de altura. Nate notou que ele havia baixado um pouco a luva da mão direita, deixando à mostra um punho branco que contrastava com o negrume generalizado das roupas e uma mancha vermelha na base do polegar, onde fora ferido. Ele mantinha a palma virada para cima, protegendo-a, e isso acendia em Nate uma espécie de orgulho juvenil.

Separados por apenas alguns passos, os dois se encaravam, o mascarado sem nada nas mãos, Nate com uma pistola sem munição, mais ou menos decepcionado com o fato de que, pelo menos por ora, ninguém mataria mais ninguém. Deu de ombros, ou melhor, de ombro, pois o ferido permaneceu imóvel, depois ergueu a Beretta e a arremessou contra o rosto do homem, que mal esboçou reação ao receber a coronhada na testa: não fez mais do que levar a mão, com placidez, ao ponto de choque para ver se havia sangue, num gesto que aos olhos de Nate parecia absolutamente rotineiro.

As sirenes agora uivavam mais alto.

Com a mesma calma de antes, o mesmo sotaque discreto, o mascarado disse:

– Ele vai ficar muito, *muito* aborrecido com você.

– Diga a *ele*, seja lá quem for, para entrar na fila – respondeu Nate.

Apontando para Nate, o homem falou:

– Você nem faz ideia da enrascada em que se meteu.

Essas palavras, sobretudo o tom em que foram ditas, tiveram o efeito de um sopro gelado sobre a excitação de Nate. Pela primeira vez desde que havia se empoleirado naquele beiral ele sentiu medo, um medo real e profundo.

O homem deu um passo para trás, depois outro, os olhos velados ainda fitando os de Nate.

– Ele vai fazer você pagar. De maneiras que você nem imagina – afirmou, e se foi.

Aturdido, Nate correu os olhos a seu redor, tentando se situar. A não ser pela imponente parede de gavetas de aluguel, o cofre em si era um lugar relativamente comum. Paredes de concreto, armários de arquivo, alguns cofres avulsos da marca Diebold que mais lembravam escaninhos de rodoviária. No chão, uma caixa de papelão estocava um excedente de envelopes e grampeadores. Nate deduziu que o abridor de cartas espetado em seu ombro saíra dali. Um dos cofres Diebold estava aberto, e as gavetas de aluguel haviam sido atacadas. Dobradiças pesadas margeavam as colunas de gavetas. A maioria delas havia sido serrada pela lâmina circular, deixando a portinhola de cada gaveta ainda anexada e com o ferrolho travado. Ímãs vermelhos de alça, daqueles usados para erguer uma folha de metal de uma pilha, estavam grudados ao conjunto mais próximo de gavetas. Nate deduziu que haviam sido utilizados para puxar e abrir as portinholas. Algumas das gavetas arrombadas jaziam abertas sobre o chão: cédulas de moeda estrangeira, joias e documentos se espalhavam em torno das botas do mascarado morto. Um plano bastante engenhoso: serrar as dobradiças, sugar as portinholas e... *voilà*... tesouro desenterrado.

Nate admirava tudo isso, absorto, quando foi despertado pelas lamúrias que vinham do salão principal do banco. “Apague a vadia.” Lembrou-se da ordem do chefe do bando e sentiu o estômago embrulhar. “Um morto ou vinte... a sentença é a mesma.” Quanta frieza ao dispor assim de vidas humanas. Quanto pavor aquelas pessoas deviam ter sentido...

Voltou ao salão. Todos permaneciam deitados de bruços no chão. Alguns choravam baixinho, outros começavam a erguer a cabeça na direção das sirenes que vinham da rua.

Nate pigarreou, depois disse:

– Está tudo bem, pessoal. Os bandidos já foram. Ou morreram, sei lá. O perigo acabou. Vocês já podem se levantar.

No entanto, ninguém se mexeu.

Por um instante, Nate cogitou se aquilo não era um sonho bizarro.

– Podem acreditar – insisitiu. – Ninguém vai machucar vocês. Não precisam mais ter medo.

Deu um passo adiante e, ao fazê-lo, sentiu uma espécie de choque elétrico no ombro espetado. Gemendo de dor, tentou alcançar o cabo do abridor de cartas, mas quanto mais se retorcia, mais o cabo se afastava.

Ouviam-se ainda mais sirenes, além do roncar de um helicóptero misturado às ordens que alguém berrava com um megafone. O telefone não parava de tocar na mesa do gerente de Novas Contas. Nate olhava intrigado para aquele quadro de pessoas amedrontadas demais para se levantar.

A menina se arrastou de volta para junto da mãe, que ainda estava inconsciente em razão do chute na cabeça. Nate se agachou ao lado da mulher e pousou dois dedos sobre seu pescoço. O pulso ainda estava forte.

– Não se preocupe – disse à menina. – Sua mãe vai ficar bem.

Levantou-se novamente, os joelhos chiando, e anunciou para ninguém em particular:

– Estou indo... hum, buscar ajuda. Médicos. Ok? Está todo mundo bem? Mais silêncio e inércia.

A menina ergueu os bracinhos para ser tomada no colo. Nate baixou os olhos para ela e, vendo aquele gesto de súplica, tão comum entre as crianças, sentiu o coração pesar num canto que acreditava morto havia muito. Uma das marias-chiquinhas se desfizera, deixando os cabelos em desalinho. O sangue no lóbulo havia endurecido, formando uma crosta escura. Ambas as faces estavam cobertas de lágrimas, mas o olhar era mortiço e vago, o olhar de uma criança em estado de choque. Nate se abaixou e a içou para o colo, resmungando em razão da dor e tentando usar as pernas mais que os braços. O bracinho da menina roçou o abridor de cartas, provocando em Nate uma ânsia de vômito tão intensa que ele receou não ser capaz de se conter. Apesar disso, seguiu na direção da porta, o sangue aquecendo as costas da camisa.

O segurança havia caído com o rosto para cima, a cabeça virada de um modo pouco natural, os olhos ainda arregalados. Ao passar pelo cadáver, a caminho do elevador, Nate girou o tronco de modo que a menina não visse aquela imagem grotesca, e ela, percebendo o que se passava, aninhou o rosto contra o pescoço dele. Sentindo nos cabelos dela o cheirinho de xampu infantil, Nate se lembrou dos banhos que costumava dar na própria filha, Cielle, quando ela tinha a mesma idade: “Nada de bagunça!”

O elevador zumbia ao descer rumo à portaria. Nate sentiu um súbito arrepio, efeito tardio da invencibilidade que havia experimentado ao ir de encontro à chuva de balas. Quanto tempo fazia que não se sentia assim? Havia driblado a morte lá naquele banco, sugando da vida a última gota de energia que ela ainda tinha a oferecer.

O elevador desacelerou e a menina pesou ainda mais em seus braços. O rostinho estava quente. Só então ele se deu conta de que vinha sussurrando no ouvido dela um mantra tranquilizador:

– ... já passou, já passou, vai ficar tudo bem...

As portas se abriram para a portaria vazia, e Nate saiu com a menina na direção das vidraças esverdeadas, do outro lado das quais se viam os carros de polícia e as vans das equipes especiais, além de ambulâncias e caminhões do Corpo de Bombeiros. Barricadas haviam sido erguidas na rua, dando apoio aos canos dos rifles. Atiradores de elite se empoleiravam nas marquises e varandas vizinhas.

A menina deixou escapar um ruído de medo e enterrou o rostinho ainda mais no ombro de Nate. Escorando-a com um dos braços e tentando ignorar a dor para erguer o outro acima da cabeça, ele atravessou a porta giratória e saiu ao encontro do pequeno exército que os esperava sob o sol forte da manhã.

4

QUANDO NATE ENTROU NO pronto-socorro, flanqueado por policiais como se fosse um fugitivo, a televisão na recepção já mostrava imagens filmadas diante do First Union. Apesar do curativo no ombro, o sangue escorria braço abaixo para secar no dorso dos dedos, o que resultava num *fashion*

statement de gosto muito duvidoso. Removido do trapézio e acondicionado num saquinho de evidências da polícia, o abridor de cartas foi entregue a uma séria enfermeira de triagem, que examinou o objeto, depois ergueu os olhos para Nate com uma impressionante falta de curiosidade. Em meio a um miasma de cheiros hospitalares, ela o acompanhou até a ala da Radiologia e o abandonou numa saleta não muito maior que um closet.

A médica chegou em seguida e foi examinando o prontuário enquanto Nate se debatia com o lençol de papel que cobria a maca.

– Então... Você foi fincado com um abridor de cartas.

– Poxa, falando assim até parece que não foi nada.

A médica não fez mais que erguer as adoráveis sobranceiras.

– Desculpe – disse Nate. – Costumo brincar para que as pessoas não percebam meus problemas de autoestima.

– Não está funcionando.

– É um projeto de longo prazo – respondeu ele, estremecendo ao exalar.

A adrenalina havia perdido o efeito, e agora ele se sentia um tanto zozinho. As imagens da manhã ainda navegavam em sua mente, acompanhadas do latejar de uma incipiente enxaqueca: o sangue jorrando de uma cabeça encapuzada, os olhos cobertos por retalhos de tela, o rosto da bancária que apertava sua mão ao morrer. Estava abalado, claro, mas, levando-se em conta tudo aquilo que acabara de enfrentar, deveria estar muito pior.

Batendo a caneta contra o prontuário, a médica disse:

– As suas enzimas hepáticas estão bem alteradas. Está tomando algum medicamento?

– Riluzol.

Ela o encarou pela primeira vez, uma expressão severa do outro lado dos óculos de John Lennon.

– Quer dizer então que...

A imagem de sempre veio à cabeça de Nate: Lou Gehrig, “o homem mais sortudo do planeta”, cercado pelas arquibancadas lotadas do Yankee Stadium, a cabeça curvada, o boné sobre as coxas, apertado entre suas mãos... O famoso jogador de beisebol se aposentou prematuramente em razão da esclerose lateral amiotrófica que acabou o matando alguns anos depois.

– É isso mesmo que você está pensando – disse ele.

– Puxa...

– Pois é.

– Você sabe então qual é o seu... prognóstico?

O prognóstico. Ele tinha alguma noção. Sabia que em breve não teria mais forças para, digamos, escrever. Mais tarde não teria forças sequer para erguer a caneta. Sabia que a língua ficaria espessa na boca, forçando-o a engrolar as palavras, e depois disso, impedindo-o completamente de falar. Ou de engolir. Sabia que cedo ou tarde precisaria ser alimentado por tubos. Que os vasos lacrimais começariam a se obstruir e que ele precisaria de um colírio, e em seguida de alguém que pusesse colírio nele. Sabia que começaria a se sentir cansado, um cansaço inicialmente apenas chato, depois debilitante. Sabia que não conseguiria respirar direito. A certa altura teria de usar um aparelho de CPAP para dormir à noite. E então um respirador. Sabia que a causa de sua doença era desconhecida, mas que o risco era significativamente maior entre os militares reformados. As respostas eram poucas e, quase sempre, insatisfatórias.

– Sim, eu sei.

– Em que estágio da doença você está? – perguntou a médica.

– Disseram que eu ainda tinha de seis a doze meses de saúde.

– Quando foi isso?

– Uns nove meses atrás.

Nate não pôde deixar de rir. Aquilo parecia uma piada.

– Algum sintoma?

– Um pouco de fraqueza na mão. Que vem e depois vai embora. Os sintomas são intermitentes. Até o dia em que se tornam permanentes.

Ela tocou o antebraço dele num gesto de carinho, uma técnica que ele próprio usava em seu trabalho de vez em quando.

– Há alguns tratamentos experimentais... – disse.

– Por favor, não – interrompeu Nate.

– Tudo bem. – Ela umedeceu os lábios. – Não vou tentar reconfortá-lo.

– Obrigado.

Ela guardou o prontuário numa caixa de acrílico pendurada à parede, sobre uma fotografia de Elizabeth Taylor recortada da capa da revista *People*, publicada na época em que a atriz morreu. Em seguida, calçou as mãos muito brancas com luvas de látex ainda mais brancas e examinou o ombro de Nate, apalpando o entorno do corte. Isso feito, pregou a radiografia sobre a caixa de luz, refletiu por um instante e disse:

– Você teve sorte. A ponta da lâmina foi detida pela escápula. Poderia ter perfurado o pulmão. O dano é quase inteiramente muscular. Sua vacina de tétano está em dia?

– Está.

– Então vai ser apenas antibiótico e analgésico. Daqui a uma semana você já vai estar bom que nem um... – Ela se calou a tempo, depois emendou: – Quero dizer, bom do ombro. – Ruborizada, logo tratou de abrir um pacotinho de fios de sutura. – Então, vamos costurar isso aí?

Nate abriu um sorriso débil.

– Que tal você me deixar sangrando aqui mesmo nesta maca? Vai me poupar muita amolação.

– Los Angeles... – retrucou a mulher, passando o fio na agulha. – Todo mundo acha que é comediante.

Nate permaneceu quieto enquanto ela aplicava a anestesia local, dizendo:

– Está todo mundo falando de você. A história do banco. Onde foi que aprendeu a atirar tão bem assim?

– No Exército.

– Você não tem pinta de soldado.

– Porque nunca fui. Me alistei no Centro de Preparação de Oficiais de Reserva, mas só para descolar uma grana e pagar a faculdade. Isso foi em 1994. Achava que nunca iriam me convocar.

A médica deixou escapar algo parecido com uma risada. Dali a pouco terminou a sutura e perguntou:

– E aí, foi bom para você?

– Médio – respondeu Nate.

O QUE SE PERDEU

Há uma boa dose de dor na vida, e talvez a única que podemos evitar seja aquela que decorre de nossa tentativa de evitá-la.

– Anônimo

5

NA UCLA, A PREPARAÇÃO de oficiais de reserva não é bem o que estamos acostumados a ver no cinema. A coisa se resume basicamente ao verde-oliva das camisetas, às séries de polichinelo pela manhã e aos exercícios de tiro uma vez por mês. Nate gosta da sensação de pertencimento e participa de bom grado das atividades, talvez não com a seriedade e os *u-hus* de que gostariam seus superiores. A escolha é sobretudo de ordem financeira: Nate está sozinho na vida. No colégio, estudou direitinho, vendo ali o único meio de escapar daquela casa que havia muito já perdera a vida, desde que sua mãe sucumbira cabal e brutalmente ao câncer quando ele ainda estava no terceiro ano do ensino fundamental. Após o enterro, seu pai se deixou levar de forma gradual por uma torrente de uísque, tornando-se uma paisagem morta em sua poltrona de estofado puído, sempre sentado diante da TV com um prato de comida abandonado a seu lado. Para Nate não haveria um pai que o visitasse no campus da faculdade, muito menos que lhe deixasse um dinheirinho para ajudar nas despesas com os livros.

De modo geral, Nate é um estudante como outro qualquer. Seu colega de quarto, Charles Brightbill, cadete como ele, é um sujeito patologicamente tranquilo que parece ver o mundo com os olhos de uma criança. Charles costuma se espantar com coisas que todos à sua volta notaram cinco minutos antes, maravilhando-se com o avião que está passando no céu, o decote de uma garota, a cor do catarro que acabou de assoar no lenço. “Caramba, olha aquilo ali!”, diz ele. “Tem um arco-íris no esguicho do sprinkler!” Apesar de tudo, Nate é fã do cara. Alguém que é incapaz de qualquer falsidade, que vez ou outra aparece com alguma pérola de sabedoria, que prefere dormir no corredor a acordar o amigo sempre que esquece a chave do quarto, por mais que Nate lhe diga para esmurrar a porta.

Após uma prova especialmente difícil no segundo ano, que tem sobre Nate o efeito de uma bomba de desânimo, Charles aparece no quarto com toalhas de praia em punho, dizendo:

– Levanta dessa cama aí, parceiro! Ficar arrastando corrente por causa de uma nota ruim é igual a ficar ouvindo Iron Maiden quando você tá de ressaca!

Esse é o Charles. Só ele é capaz de ir simplificando o mundo até fazê-lo caber dentro de um biscoito da sorte. Nate acaba cedendo e dali a dez minutos já está abrindo a janela do Datsun 240Z de Charles, deixando entrar no carro a brisa salgada que vem do mar. Deitado nas areias quentes de Malibu, ele fica ali, saboreando o sol, sentindo o ânimo renascer das cinzas.

Até que os gritos de alguém em apuros na água o assustam. Ao erguer o tronco, avista um vulto feminino do outro lado da arrebentação, e dali a pouco um rapaz mais ou menos da sua idade é arrastado pelas ondas sobre a espuma da praia. Aturdido com o caldo, cuspidando água, ele berra para as pessoas a seu redor:

– Ela está com câimbra! E tem uma contracorrente!

Segue-se um momento de total inação, todos imóveis em suas toalhas. Algumas cabeças se viram para o quiosque dos salva-vidas, bem mais adiante. De repente, Nate está correndo na direção da água, pisoteando as algas secas sobre a areia. Charles berra algo às suas costas, mas ele já está saltando a primeira onda, enfrentando a arrebentação. Deixa-se levar pelo recuo das ondas e vai seguindo na direção da moça, que volta e meia some de vista. Os músculos começam a queimar quando ele intensifica as braçadas para vencer a forte corrente, mas dali a pouco ele alcança o braço exausto da moça, puxa-a para si e abraça-a pelas costas. Debatendo-se e cuspidando água, ela acaba golpeando a parte de trás da cabeça contra um dos olhos dele. Nate a solta, ela some no verde-escuro das águas, reaparece segundos depois, engasgando.

– Tente relaxar o corpo – orienta Nate, e novamente a puxa para si. – Olhe para mim: estou aqui, vou ajudar.

Ela o encara, gotículas na ponta dos cílios, e faz que sim com a cabeça, obediente, parecendo uma menininha. Só então ele percebe que é uma moça bonita. Eles são levados pelas ondas, ora vendo a praia, ora perdendo-a de vista. Nate a entrelaça como um parceiro de dança, abraçando-a por trás novamente, e ela se entrega sem oferecer resistência. Interpretando a maré, ele deixa que a corrente os leve. A certa altura, começa a remar com um dos braços, opondo-se ligeiramente à direção da corrente. Enfim, eles alcançam a areia uns oitocentos metros mais adiante. Charles, dois salva-vidas e mais meia dúzia de curiosos correm ao encontro dos dois. Ambos estão ofegantes, tossindo muito e cuspidando água. A moça

é a primeira a ficar de pé e ajuda Nate a se levantar. Em seguida, eles são acudidos pelos salva-vidas, secados e examinados à exaustiva, quase até o ponto da claustrofobia.

O rapaz que fora arrastado pelas ondas espera timidamente ali por perto. Embrulhada numa toalha, a moça se aproxima de Nate para lhe agradecer, e só então ele pode admirá-la melhor. Os lábios são grandes, quase grandes demais, e o formato da boca sugere um sorriso perene, com uma pontinha de escárnio. A pele é muito branca. O nariz é arrebicado, e na altura da ponte tem uma faixa de sardas que parece deslocada, como se as pintinhas tivessem errado o endereço da festa. Os cabelos são claros e curtos o bastante para serem ousados. Os traços bonitos compensam os cabelos curtos. Compensam qualquer coisa, avalia Nate. Bastava um sorriso naquela boca linda para que ele nem sequer notasse caso ela estivesse usando na cabeça um turbante de Carmem Miranda com bananas e o escambau. Os peitos são originais de fábrica (uma raridade em Los Angeles), e o corpo é esguio, de quadris estreitos. Em geral, Nate prefere mulheres com mais curvas, mas rapidamente se dá conta de que não faz sentido comparar aquela moça a qualquer outra de seu currículo particular.

Ela se apresenta como Janie. Charles está rondando por perto.

– Cara, que *gata* – sussurra ele no ouvido do amigo, mais uma vez constatando o óbvio.

Nate também se apresenta:

– Nate Overbay.

Eles se cumprimentam com um aperto de mãos formal, e isso lhes parece um tanto ridículo, levando-se em conta que haviam passado os últimos quinze minutos se esfregando na água, praticamente nus.

No mesmo instante o namorado de Janie se posta ao lado dela e pergunta a Nate:

– Posso levá-la para casa ou você vai cuidar disso também?

Nate pensa: “Agora é um ótimo momento para ficar de bico calado.”

Janie e o rapaz começam a discutir, Janie lançando olhares de desculpas na direção de Nate, cada vez mais constrangida. Nate vai se afastando da dupla com Charles a seu lado e, durante todo o caminho de volta ao apartamentinho vagabundo que dividiam em Westwood, é obrigado a ouvir o sermão do amigo, que o censura por não ter pedido o telefone da gata. Sem conseguir dormir naquela noite, percebe que, como sempre, o ingê-

nuo Charles tinha toda a razão. Só lhe resta aceitar mais essa mancada e remoê-la para o resto da vida.

Algumas semanas mais tarde, Nate e Charles estão comendo uma pizza de micro-ondas e vendo *Melrose Place* na TV quando a campanha toca. Nate atende a porta e se depara com Janie conferindo o endereço que havia anotado na palma da mão. Os cabelos curtos estão molhados, recém-saídos de um banho e apontando para todas as direções, e ela tem um cheirinho de lavanda. Antes que Nate encontre o que dizer, Janie se adianta:

– Não consigo parar de pensar naquele dia em que você me tirou da água.

Ela tem a língua ligeiramente presa, apenas o bastante para realçar ainda mais a boca carnuda, os lábios que vão emoldurando cada palavra, ceceada ou não.

O coração de Nate começa a bater mais rápido.

– Também não consigo parar de pensar em você.

– Eu bem que *tentei* – continua ela, agitada. – Fiquei pensando em todas as coisas que eu provavelmente não gostaria em você, tudo aquilo que terminaria em briga caso a gente ficasse junto. Falando para mim mesma que você nem era tão bonito assim...

– E por que fez isso?

– Por causa do meu namorado. – Ela enterra as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans, encolhe apenas um dos ombros e emenda: – *Ex-namorado* agora.

Em seguida, leva a mão ao rosto dele e vai correndo os dedos pelo hematoma desbotado junto do olho em que ela acertara uma cabeçada no mar.

Eles se beijam, e a voz de Charles vem da sala vizinha:

– Cara, vem logo! A Heather Locklear tá de *camisola*!

Janie e Nate imediatamente se tornam inseparáveis. Nesse mesmo fim de semana, sentados com as pernas entrelaçadas na cama de Nate, nariz com nariz, eles conversam sem parar, falando sobre suas respectivas infâncias, e depois de um tempo, como normalmente acontece, começam a se pegar. Nate a deita na cama, mas para de repente.

Ela o fita, os grandes olhos azuis emoldurados pelos cílios, e pergunta:

– O que foi?

– Estou na dúvida: não sei se quero trepar com você ou continuar conversando.

– Isso – devolve ela – é o maior elogio que alguém já me fez nestes vinte anos de vida.

Inevitavelmente o sexo acaba vencendo. Mais tarde, eles se deitam de frente um para o outro, ambos ofegantes, Nate correndo a mão pela curva da cintura dela. Os cabelos claros parecem mais escuros em razão do suor que os faz grudar na testa.

– O que você acha de uma relação aberta? – diz ela, timidamente. – Sei que a maioria dos caras não é muito chegada em compromisso e...

– Compromisso? – diz Nate. – Eu *me amarro* num compromisso.

Charles logo é promovido de empata-foda a melhor amigo do casal. Janie faz biologia e francês na vizinha Pepperdine, mas, quando ela e Nate não estão juntos, a meia hora que separa as duas universidades parece a ambos um oceano. Jovens que são, só querem saber de ficar grudados e se dedicam a isso como atletas olímpicos. Embora se vejam quase todos os dias, trocam cartas entre si, cartas melosas e encharcadas de má poesia.

– Meu Jesus... – diz Charles, lendo o rascunho que Nate havia embolado e depois jogando-o no lixo. – Você está se transformando numa música da Celine Dion.

Nate fica surpreso quando leva Janie a um restaurante ou um bar e ela não chama a devida atenção das pessoas. Por outro lado, o fato de ela não ser tão atraente aos olhos dos outros faz dela uma pessoa ainda mais especial. Como se apenas o sistema límbico dele fosse capaz de enxergar seu charme. Como se ela fosse destinada a ele e a mais ninguém.

Em três meses, já estão noivos.

Janie é natural do Wisconsin, fruto de uma família e uma infância normais, com antecedentes que ela chama de Gammie e Papa.

– E se o seu pai não gostar de mim? – pergunta ele.

Ela ri e diz:

– Ele *não vai* gostar de você.

Os amigos do casal, no entanto, estão felicíssimos com a novidade. Eles são os primeiros da turma a dar o grande passo. Invariavelmente carregam um pouco nas tintas quando contam como se conheceram, e Nate já prevê que na altura das bodas de ouro a história do salvamento incluirá tsunamis e tempes-

tades tropicais. Sempre que Janie chega ao momento do resgate, seja lá para quem esteja contando a história, ela toma as mãos de Nate entre as suas e repete emocionada o que ele disse na água: “Olhe para mim: estou aqui, vou ajudar.”

Eles se casam na primavera. Após a festa, exaustos e semibêbados de um Chianti ruim, jogam-se na cama do hotel, Janie sacudindo os sapatos até tirá-los, o zíper do vestido já aberto.

– Então, marido – diz, sonolenta. – A gente precisa consumir esse troço.
– Aquela risada. – Você em cima?

– Se pelo menos eu soubesse onde fica isso... – resmunga Nate, enrolando a língua.

– Dou cem dólares.

– Mil, no mínimo.

– A gente tem de trepar. Senão não o nosso casamento não é legal.

– Tem razão.

– Ainda posso desistir, sabia?

Chegada a manhã, o casamento deles já está devidamente legalizado. A lua de mel é no apartamento de Nate e Charles, já que toda a grana foi embora na recepção para cinquenta pessoas e na suíte nupcial do Holiday Inn de Santa Monica. Prometem a si mesmos que, um dia, quando o dinheiro der, farão uma segunda lua de mel em Paris. Por ora, no entanto, vão ter de se contentar com Westwood mesmo. Passam boa parte do tempo bebendo vaca-preta de cerveja e estudando para as provas da universidade. É como brincar de casinha sem ter a casinha.

– A senhora minha esposa vai querer seu waffle na cama? No melhor dos nossos pratos de papel?

– Seria muito gentil da sua parte, senhor meu marido.

Uma semana depois, ela se enrosca ao lado dele na cama e anuncia:

– Estamos grávidos.

Nate tem a impressão de que agora reina no mundo a mais perfeita ordem. Emocionado, já com os olhos marejados, ele diz:

– Tem certeza?

– O palitinho de xixi não mente nunca. Muito menos *cinco* palitinhos.

Eles se mudam para um apartamento do tamanho de um closet, porém só deles. Janie já está com um barrigão, e Nate fica se perguntando como uma estrutura tão delicada pode sustentar um volume tão grande. Charles, que é ex-escoteiro, presenteia o amigo com um pager. E Nate entra em

surto quando o aparelho enfim apita: a bolsa de Janie estourou. No caminho entre o campus e o hospital é tudo um borrão. Janie está urrando, fincando os dedos nos lençóis da mesa de parto, e quando toma a mão dele, por pouco não lhe quebra os ossos dos dedos.

– Olhe para mim – diz ele. – Estou aqui.

À noite, eles estão aninhados na cama do quarto do hospital com sua cria no meio. Dois dias depois, o bebê ainda não tem nome. Saindo do hospital, enquanto Nate a empurra numa cadeira de rodas com seu pacotinho cor de rosa no colo, Janie diz:

– Vamos chamá-la da primeira coisa que a gente vir quando sair na rua.

Indo mais devagar com a cadeira, já diante da estação das enfermeiras, Nate comenta:

– Então, como a Lata de Lixo tem dormido?

Janie ri e cobre a boca com uma das mãos.

– Sabe, tem sido bem mais difícil agora que a dentição da Mendiga está aparecendo – responde ela.

No elevador, uma velhinha olha torto para os dois, mas eles não conseguem parar de rir.

– Poxa, os olhos da Vira-Lata Sarnenta são iguaizinhos aos seus... – comenta Nate, às lágrimas.

Ainda rindo, eles atravessam as portas automáticas do saguão do hospital e saem para a luz do dia. Janie ergue os olhos para o azul anil do céu e, com a voz embargada, diz:

– Cielle.

Eles se reinstalam no minúsculo apartamento de Westwood. Charles traz um lindo presente: um banquinho infantil com o nome de Cielle talhado em baixo-relevo na madeira, as letras coloridas lembrando as peças de um quebra-cabeça. Eles estudam, cuidam da filha, revezam-se nas obrigações e, sabe Deus como, conseguem se formar. Nate vai trabalhar numa loja de departamentos como comprador de ternos masculinos. Janie se matricula na escola de enfermagem.

Um mês antes do aniversário de 3 anos de Cielle, ele consegue um financiamento imobiliário com taxas especiais para veteranos do Exército, a poupança da lua de mel em Paris recebe novo fim e eles dão a maior sorte ao encontrar e comprar, num leilão bancário, uma casinha de dois andares

numa parte ótima de Santa Monica. Quando chegam lá com a mudança, Janie para no gramado antes de entrar e começa a chorar de gratidão.

À noite e durante os fins de semana, Nate trabalha na reforma da casa, colocando tábuas no piso, repintando paredes, substituindo canos de ferro por outros de cobre. A cada dois ou três meses eles marcam a altura de Cielle no batente da porta do quarto dela, os risquinhos se empilhando pouco a pouco. Numa terça-feira, Janie o acorda de manhãzinha e, horrorizados, de mãos dadas, eles acompanham pela TV os tenebrosos acontecimentos em Nova York, as cenas repetidas *ad nauseam* dos dois aviões colidindo com as Torres Gêmeas. A certa altura, Janie olha de relance para a porta aberta da área de serviço, onde a jaqueta camuflada que Nate usou no último fim de semana de exercícios militares ainda seca no varal. No andar de cima, a porta do quarto de Cielle se abre e ele, sem dizer palavra, sobe para buscá-la.

Num piscar de olhos, a menina já está com 7 anos, os cabelos escuros sempre presos em duas marias-chiquinhas. Na semana após o aniversário dela, eles vão até a Sears para enfim tirar o tradicional retrato de família que já deveriam ter tirado desde muito. Por mais que o fotógrafo insista, eles não conseguem fazer com que Cielle se concentre. Faz pouco que a menina aprendeu com Isaac, um coleguinha de escola, a fazer barulho de peido com o sovaco.

– Ouviu? – pergunta ela a cada disparo da máquina.

– Não – responde Janie.

– E agora?

Por fim, Nate vira a filha de cabeça para baixo, e ela segue rindo até ficar com o rostinho vermelho. Dali a pouco, os três desabam nos colchonetes azuis do fotógrafo, Janie sentada atrás de Nate, sustentando-o, Cielle abraçando a mãe pelo lado, e os três, gargalhando, são fotografados assim, com a boca escancarada. Após uma votação familiar, o porta-retratos com essa foto é colocado sobre o consolo da lareira. Nesta noite, Nate e Janie leem *Lorax* para Cielle dormir, depois voltam para a sala, abrem um vinho e assistem a *The West Wing*. Massageando os pés da esposa, Nate vê quando ela olha para o retrato e balança a cabeça: os dois caem na gargalhada.

Aninhado no conforto daquele sofá, a esposa com os pés cruzados em seu colo, a filhinha dormindo feito um anjo no andar de cima, Nate se dá conta de como sua vida é boa. Simples, porém muito boa, uma bolha de felicidade protegida dos horrores do mundo lá de fora.

Uma bolha que em três dias irá estourar.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br